



OLHA, OLHE E OH: GRAMATICALIZAÇÃO DO VERBO OLHAR NA FALA POPULAR SOTEROPOLITANA

OLHA, OLHE AND OH:
GRAMMATICALIZATION OF THE VERB OLHAR
(‘TO LOOK’) IN SALVADOR’S POPULAR SPEECH

Cristina dos Santos Carvalho¹
Jande Cleia Capistrano Gomes²
Universidade do Estado da Bahia

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar os usos - gramaticalizados ou não - do verbo *olhar*, instanciados por *olha*, *olhe* e *oh*, no contexto de segunda pessoa do singular do imperativo, na fala popular de Salvador. Para tanto, são adotados os pressupostos teóricos do funcionalismo linguístico, sobretudo da vertente norte-americana. Para a análise, são utilizadas, como *corpus*, as entrevistas que compõem o banco de dados do Projeto de Estudo do Português Popular Falado de Salvador (PEPP).

Palavras-Chave: Funcionalismo linguístico; Gramaticalização; Contexto morfossintático; Verbo *olhar*.

¹ E-mail: crystycarvalho@yahoo.com.br.

² E-mail: jande.uneb_gomes@hotmail.com.

Abstract: *The aim of this paper is to analyze the usages - grammaticalized or not - of the verb “olhar” (‘to look’), instantiated by “olha,” “olhe,” and “oh” in the second person singular of the imperative mood in Salvador’s popular speech. For this, we adopt the theoretical assumptions of linguistic functionalism, especially the North American ones. For the analysis, we use interviews from the Project of Study of Popular Portuguese spoken in Salvador (PEPP) corpus.*

Keywords: *Linguistic Functionalism; Grammaticalization; Morphosyntactic context; Verb ‘olhar’ (‘to look’).*

INTRODUÇÃO

As línguas passam por constantes mudanças para então se adequarem às eventuais necessidades de seus usuários nas interações verbais; apesar de isso não acontecer subitamente, aos poucos, essas necessidades sociocomunicativas motivam o surgimento de novas palavras ou a atribuição de novos usos a formas ou construções³ já existentes.

No português brasileiro, não é diferente: algumas formas verbais vêm adquirindo novos empregos, deixando de atuar como verbos plenos⁴ e passando a funcionar como auxiliares (tendo a função gramatical de marcar tempo, modo ou aspecto) ou como modalizadores de opinião (sinalizando a atitude do falante), dentre outros casos. Outras ainda podem passar a contribuir para a interação verbal entre falante e ouvinte, estando mais voltadas para a função interpessoal (HALLIDAY; HASAN, 1976). Nesse caso, funcionam como marcadores discursivos: “mecanismos que atuam no nível do discurso (aqui entendido como organização textual-interativa), estabelecendo algum tipo de relação entre unidades textuais e/ou entre os interlocutores” (PENHAVEL, 2005, p. 1).

Um exemplo que corresponde a esse tipo de mudança, no português brasileiro, é o verbo *olhar*, que, no contexto morfossintático de segunda pessoa do singular do imperativo, além de ser empregado como verbo pleno, de percepção visual (1), tem ampliado o seu significado e passado a funcionar como marcador discursivo (2). Além de evidenciar a função interpessoal, o uso

³ Neste trabalho, o rótulo *construção* designa “uma unidade com forma e significado, cujos aspectos de sua forma e de seu significado nem sempre estão previstos pelos elementos individualmente presentes em sua composição, nem por outras construções preexistentes na língua” (GOLDBERG, 1995, p. 4).

⁴ Como explicado por Carvalho (2017, p. 86), “o rótulo ‘verbo pleno’ remete aos chamados verbos lexicais, cujos significados fazem referência a dados do mundo bio-psíquico-social. Por essa razão, esses verbos são considerados como de significação plena, mais concreta e básica”.

desse marcador, conforme demonstrado por Rost Snichelotto (2009) pode sinalizar diferentes atitudes do falante (advertência, prefaciação, parentetização, exemplificação, atenuação etc.). A título de ilustração, em (2), o marcador *olha* funciona como um elemento prefaciador da resposta a ser fornecida.

(1) DOC: E o que é que vocês fazem lá?

44: A gente passeia, a gente vai olhar as coisas.

DOC: Olha e faz o quê?

44: *Olha* e não compra (risos). (PEPP, Inf. 44, p. 5)

(2) DOC: Me fale sobre esses castigos daquela época. Você já foi castigado, que você era pintão.

13: (risos) *Olha*, como eu falei né, os meninos ele, a gente brigava muito né, então os mais fracos chegava lá em casa e dizia, “ah, dona Z.... seu filho me bateu”, aí eu tinha que tomar porrada né, porque não podia bater no mais fraco né. (PEPP, Inf. 13, p. 9)

Seguindo o aporte teórico do funcionalismo linguístico, especialmente da vertente norte-americana (HOPPER; TRAUGOTT, 2003 [1993]; ROST SNICHELOTTO, 2009; MARTELOTTA, 2010, 2011, dentre outros), este trabalho investiga, sob a ótica da gramaticalização, formas e construções com o verbo *olhar*. Assim, pretende analisar, na fala popular de Salvador, os empregos - gramaticalizados ou não - de *olhar*, instanciados por *olha*, *olhe* e *oh*, no contexto morfossintático de segunda pessoa do singular do imperativo.

Com o propósito de examinar usos reais do português brasileiro, tomam-se, como amostra, textos da modalidade falada do português do século XX, integrantes do banco de dados do Programa de Estudos sobre o Português Popular Falado de Salvador (PEPP)⁵.

Este artigo se divide em três seções. A primeira aborda alguns conceitos e pressupostos do funcionalismo linguístico e da gramaticalização relevantes para o fenômeno aqui investigado. A segunda faz uma breve discussão acerca da relação entre gramaticalização de verbos de percepção visual (com destaque para *olhar* e *ver*), contexto morfossintático e marcadores discursivos. A terceira discute os resultados obtidos na análise dos dados em relação aos usos de *olhar* encontrados no *corpus*, algumas de suas propriedades funcionais e formais e

⁵ O PEPP, desenvolvido na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e coordenado pela professora Norma Lopes, é composto por quarenta e oito inquéritos realizados entre 1998 e 2000. Para esta análise, foram utilizados todos os inquéritos do PEPP.

seus graus de gramaticalização. Por fim, apresentam-se as considerações finais e as referências que deram suporte para o desenvolvimento da pesquisa.

1 QUADRO TEÓRICO: FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO E GRAMATICALIZAÇÃO

O funcionalismo linguístico baseia-se na concepção da língua como um organismo de interação social, não estável e flexível, sujeito a mudanças em diferentes âmbitos e situações comunicativas. Sobre essa questão, Frago (2003) afirma que um dos principais objetivos da abordagem funcionalista é investigar de qual maneira uma determinada língua é usada por seus falantes e quais são as funções exercidas neste processo, a fim de atingir os seus próprios propósitos e intenções no momento da enunciação. Nessa perspectiva, o rótulo funcional também é estendido à língua, que “deve ser entendida como um sistema funcional, no sentido de que é utilizada para um determinado fim” (MARTELOTTA; AREAS, 2003, p. 19).

Todavia, na visão funcionalista, não só o caráter funcional da língua é importante, mas também a sua dinamicidade, a qual desencadeia os processos de variação e mudança linguísticas. Entende-se, então, que, para os funcionalistas, a língua, além de ser uma atividade sociocultural, caracteriza-se por sempre apresentar variações e mudanças, as quais são determinadas pelas necessidades sociocomunicativas entre falante e ouvinte.

Ainda nessa perspectiva teórica, a língua não é concebida como um sistema autônomo, já que noções como cognição e comunicação, interação social e cultura, mudança e variação, entre outras, são relevantes para o entendimento do sistema linguístico (GIVÓN, 1995). Nos termos de Paiva (1991, p. 62), na abordagem funcionalista, “a autonomia da linguagem é contestada face à sua interação com as unidades maiores que a sentença, o seu meio de realização, os falantes que a usam, suas características sociais e culturais”.

Assumindo, então, a premissa de não autonomia do sistema linguístico, o funcionalismo linguístico se opõe a postulados⁶ das correntes estruturalista e gerativista (que representam abordagens formalistas da linguagem). Nos termos de Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2003), tal oposição se dá não só pela concepção de língua adotada pelo funcionalismo, mas também pelo seu

⁶ Um dos postulados básicos do estruturalismo negado pelo funcionalismo é o princípio de arbitrariedade do signo linguístico, dogma saussuriano que postula que a relação entre significante e significado de um signo linguístico é arbitrária, não motivada, sendo apenas uma convenção nas línguas.

foco de atenção: “seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua” (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003, p. 29).

Assim, rejeitando o princípio estruturalista de arbitrariedade do signo linguístico, os funcionalistas defendem a atuação, nas línguas, do princípio de iconicidade, segundo o qual existe uma relação natural e motivada entre forma e função (BOLINGER, 1977), entre o mundo real e o mundo linguístico. Ademais, partem do pressuposto de que é no uso que a gramática é moldada ou constituída, o que significa dizer que existe uma relação entre discurso e gramática. Nesse sentido, a gramática de uma língua é tida como maleável (BOLINGER, 1977; MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996).

O funcionalismo, nas suas diferentes abordagens (norte-americana, holandesa etc), tem se preocupado em analisar a estrutura gramatical tendo como referência toda a situação comunicativa, ou seja, os participantes, o propósito de fala e o contexto discursivo. Em outras palavras, tem procurado “explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso” (FURTADO DA CUNHA, 2008, p. 157). Esse modelo teórico tem permitido uma maior interpretação dos mecanismos utilizados na interação verbal, além de uma melhor reflexão sobre a criação de novos significados para formas e construções já existentes.

Um dos processos que permite tal criação nas línguas humanas é a gramaticalização. Tal processo tem constituído objeto de investigação da chamada vertente funcionalista norte-americana, cujos principais representantes são linguistas como Givón (1990, 1995), Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991), Hopper (1991), Bybee et al. (1994), Martelotta, Votre e Cezario (1996), Hopper e Traugott (2003[1993]), Bybee (2003), Martelotta (2010, 2011), entre outros. As pesquisas desses autores, além de se relacionarem à abordagem da gramaticalização, partem da assunção de que o uso da língua nas situações reais de comunicação ocasiona diversas mudanças nos elementos linguísticos.

Para Martelotta, Votre e Cezario (1996, p. 49), a gramaticalização representa “uma manifestação do aspecto não-estático da gramática, uma vez que ela demonstra que as línguas estão em constante mudança em consequência de uma incessante busca de novas expressões [...]”. A esse respeito, Hopper (1991) considera que a gramática de uma língua é sempre emergente. Em outros termos, conforme explicam Gonçalves e Carvalho (2007,

p. 79), “estão sempre surgindo novas funções/valores/usos para formas já existentes e, nesse processo de emergência, verificável a partir de padrões fluidos da linguagem, é possível reconhecer graus variados de gramaticalização [...]”. Nas palavras de Rosário (2010), a abordagem da gramaticalização oferece uma explicação aceitável sobre como as categorias gramaticais surgem e se ampliam num dado percurso de tempo.

Sobre a relação entre gramática, gramaticalização, usos linguísticos e aspectos pragmáticos, Amorim (2013) faz uma ressalva:

Considerando o pressuposto funcionalista que prevê mudanças na gramática como resultado de pressões de uso – e uso, nesse contexto, deve ser interpretado não só como pragmático, mas social- evidencia-se a ideia de que o fazer-se gramatical da língua – gramaticalização - não está isento da influência de diversos aspectos sociais que caracterizam a comunidade de fala em que esse “fazer-se” se instaura. (AMORIM, 2013, p. 102).

Desde a sua cunhagem por Antoine Meillet até as pesquisas funcionalistas iniciais sobre esse fenômeno, o termo gramaticalização foi usado, em sentido restrito, para se referir a um processo através do qual itens de conteúdo lexical se tornam, no decorrer do tempo, itens gramaticais e, se gramaticais, adquirem funções mais gramaticais ainda (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991; BYBEE et al., 1994; HOPPER; TRAUGOTT, 2003 [1993]). Em (3), o uso de *tipo* ilustra uma mudança de item lexical (substantivo) (3a) para gramatical (conjunção) (3b). Em (4), o emprego de *aí* constitui uma evidência de mudança de um item já gramatical (advérbio locativo) (4a) que se tornou mais gramatical ao passar ser utilizado, por exemplo, como clítico (4b), sempre atrelado a um sintagma nominal (*alguma fofoquinha*).

- (3) a. Eles equilibravam aquele, pau nas costas com os dois cestos, vendiam frutas na porta, peixe na porta. Tinha também o amolador de facas, que era um *tipo*, humano muito interessante, e tinha o tripeiro que isso, me disseram que ainda existe até hoje lá na Tijuca, ou no subúrbio. (E002-NURC-Recontato)
- b. Eu não sei se é porque eles fazem as varandas assim, sabe como é que é, é varanda *tipo* sacada mesmo. (11-NURC-Recontato)⁷

⁷ Exemplos extraídos de Casseb-Galvão e Lima-Hernandes (2007, p. 116 e 118).

-
- (4) a. [...] eu acho que eles têm essa noção que eles sempre perguntam se tá sol < uma co...> eles têm muita curiosidade disso, como é que tá o tempo aqui: "Como é que tá o tempo *ai*?" (Adr63)
b. [...] Tem um grupinho de mulher ali que fica ali, sabe? (de) antena ligada para ver se sai alguma fofoquinha *ai* (Adr 63)⁸

A gramaticalização, tomada em sentido restrito, tem sido vista como um processo unidirecional, no sentido de que a mudança linguística, através da gramaticalização, ocorre num *continuum* do "menos gramatical" para o "mais gramatical" e não vice-versa. Embora existam questionamentos em relação ao princípio da unidirecionalidade (CAMPBELL, 2001; CAMPBELL; JANDA, 2001, dentre outros), a literatura sobre gramaticalização tem demonstrado que há mais exemplos do que contraexemplos da unidirecionalidade⁹.

Com a verificação de que a gramaticalização pode atingir toda a construção em que se encontra um dado item (HOPPER; TRAUGOTT, 2003 [1993]) e pode ocorrer em contextos linguísticos delimitados e específicos (BYBEE et al., 1994), o termo gramaticalização passou a ser utilizado não só para a emergência de itens mas também de construções gramaticais (TRAUGOTT, 2009). Um exemplo de gramaticalização de construção verbal pode ser visto no uso de *vai que* como conjunção condicional (LONGHIN-THOMAZI, 2010):

- (5) [...] eu comecei a trabalhar comecei estudar eu falei vou fazer o curso de enfermagem e::: esqueci um pouco da gravidez né? Porque eu era ansiosa demais "ai! ... *vai que* eu engravidado de novo?" eu ficava com isso na cabeça..." e se eu engravidar de repente e perder a outra trompa?" *ai* que num engravida <IBORUNA, AC-062>.¹⁰

Estudos sobre gramaticalização (TRAUGOTT, 1997; MARTELOTTA, 2010, 2011, PENHAVEL, 2013, dentre outros) também passaram a abranger o desenvolvimento de marcadores discursivos. Nesse caso, entende-se que a mudança via gramaticalização se dá na direção para o nível interpessoal (MARTELOTTA, 2011). Adota-se, então, uma visão alargada de gramática que engloba, além de fonologia, morfossintaxe e semântica, também aspectos

⁸ Exemplos de Braga e Paiva (2003, p. 207 e 209).

⁹ Um contraexemplo citado remete ao desenvolvimento do item lexical do inglês *bus* (ônibus), proveniente da terminação de dativo plural latina *omnibus* (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996, p. 27).

¹⁰ Exemplo de Longhin-Thomazi (2010, p. 135).

comunicativos da linguagem (TRAUGOTT, 1997). Essa é a posição adotada neste trabalho, que considera os usos de *olhar* como marcadores discursivos como instâncias de gramaticalização (cf. seção 3 deste artigo). Na próxima seção, será discutida, com base em alguns trabalhos teóricos e/ou empíricos, a relação entre a gramaticalização de verbos de percepção visual no contexto morfossintático de segunda pessoa do singular do imperativo e o desenvolvimento de marcadores discursivos.

2 GRAMATICALIZAÇÃO DE VERBOS DE PERCEPÇÃO VISUAL, CONTEXTO MORFOSSINTÁTICO E MARCADORES DISCURSIVOS

Casos de gramaticalização, em diversas línguas humanas, têm demonstrado que esse processo tem incidido em formas ou construções verbais em diferentes contextos linguísticos. Carvalho (2011) explica que o contexto morfossintático, além de ser um dos pontos de partida para a gramaticalização de itens ou construções, exerce um papel importante no que diz respeito à codificação das novas funções - gramaticais e discursivo-pragmáticas - desempenhadas por tais itens ou construções gramaticalizadas.

No português brasileiro, além da primeira e terceira pessoas do singular, um dos contextos morfossintáticos que pode ser motivador de gramaticalização de verbos é da segunda pessoa do singular. Tal contexto tem propiciado a gramaticalização de verbos de diferentes classes semânticas (perceptivos, cognitivos etc.) em marcadores discursivos.

De acordo com Martelotta (2010, 2011), alguns elementos linguísticos, com a gramaticalização, tendem a se tornar sintaticamente mais livres, passando a veicular estratégias discursivo-pragmáticas voltadas tanto para o falante como para o ouvinte; compõem esse grupo, entre outros elementos, os marcadores discursivos. Dessa forma, nos termos de Martelotta (2010, 2011), alguns elementos perdem sua função representacional e passam a ser usados com a função de organizar a comunicação, funcionando no nível interpessoal.

Ainda sobre a relação entre o processo de gramaticalização e a emergência de marcadores discursivos, Martelotta (2011) menciona que:

[...] o processo de gramaticalização incorpora não apenas elementos que indicam relações metatextuais entre proposições, mas também os que veiculam relações entre proposições e o contexto não linguístico, como os marcadores linguísticos, que indicam não apenas a

perspectiva do falante, mas também sua preocupação em relação a como a proposição deve ser interpretada pelo ouvinte. (MARTELOTTA, 2011, p. 94).

No que diz respeito à relação supracitada, trabalhos empíricos sobre o português brasileiro, nas suas modalidades falada e/ou escrita, têm evidenciado a reanálise de verbos de percepção visual, no contexto de segunda pessoa do singular do imperativo, em marcadores discursivos, “situação em que funcionariam como elementos de chamamento da atenção do O [ouvinte] para um aspecto do texto do F [falante]” (ROST SNICHELOTTO; GORSKI, 2011, p. 426). Entre esses verbos de percepção, dois que têm sido bastante estudados no português brasileiro são *ver* e *olhar*. Esse último, nas formas *olha*, *olhe* e *oh*, como já mencionado, constitui objeto de estudo deste trabalho.

A observação de Risso (1999) a respeito do emprego de *olha* como marcador discursivo também reforça o caráter interpessoal desse uso: segundo a autora, o falante usa *olha* como meio de interagir e antecipar suas intenções com relação, por exemplo, a eventuais questionamentos do entrevistador.

Gorski et al. (2002) também consideram que há uma expansão de sentido em relação ao emprego de *olha* e *veja* como marcadores discursivos, que pode indicar diferentes atitudes do falante em relação à atividade interacional: atenuação, avaliação, advertência, tentativa simultânea de manutenção de contato e tempo para organização textual, dentre outras. A partir dessas atitudes, as autoras citam funções mais amplas:

macrofunções que recobrem funções específicas: a) *macrofunção articuladora interacional* (voltada para as atitudes do falante em relação ao texto que ele está produzindo, tendo em vista o interlocutor) – reunindo as funções: atenuadora, avaliativa, interjetiva, prefaciadora, de planejamento e retórica; b) *macrofunção articuladora textual* (voltada para a sequenciação do texto, assinalando relações textuais de caráter coesivo) – agrupando as funções: exemplificativa, adversativa, finalizadora e reintrodutora. (GORSKI et al., 2002, s/p.)

Como ilustração, (6) e (7) remetem ao emprego de *olha* e *veja* como marcadores discursivos com valor de atenuação, desempenhando a macrofunção articuladora interacional.

-
- (6) E: Eu queria saber mais uma coisa, tu gostas de cozinhar?
F: *Olha*, não é meu forte. Não sou muito chegada na cozinha, mas dá pra quebrar um galhinho. Mas eu tenho duas receitas bem legais. (FLP 01, L224)
- (7) F: Aquele tempo que eu era solteira ainda acho que nem tinha esse operário aí.
E: Não tinha ainda? Claro que tinha porque meu pai acho que é mais velho que você.
F: Não, que *veja* bem, eu casei com dezoito anos. Então estou com trinta e nove, vou fazer quarenta casei novinha. Acho que nem tinha, nem existia acho. Sei lá. (CTB 08, L168)¹¹

Ainda segundo Gorski et al. (2002), com o processo de gramaticalização, ocorre um desbotamento semântico do valor perceptivo e do caráter imperativo e, ao mesmo tempo, acentuam-se propriedades pragmático-discursivas, chamando-se a atenção do interlocutor para alguma porção do texto.

Com base em diversos estudos, Rost Snichelotto (2009) menciona dez contextos de atuação discursiva para os usos dos marcadores derivados dos verbos *olhar* e *ver* no domínio de chamada de atenção do ouvinte; tais contextos também são associados às duas macrofunções (interacional e textual) citadas por Gorski et al. (2002), como mostra o quadro 1, a seguir.

¹¹ Exemplos de Gorski et al. (2002, s/p.)

<i>Propriedade de chamada da atenção do ouvinte</i>	
Macrofunção articuladora predominantemente interacional	Macrofunção articuladora predominantemente textual
Contextos de atuação discursiva	Contextos de atuação discursiva
De advertência (PONS BORDERÍA, 1998; ROST, 2002; WALTEREIT, 2002; DOMÍNGUEZ PORTELA, 2008)	Exemplificativo (ROST, 2002; DOSTIE, 2004; DOMINGUEZ; ÁLVAREZ, 2005)
Adversativo (WALTEREIT, 2002)	De opinião
De atenuação (CASTILHO, 1989; SILVA; MACEDO, 1989; ROST, 2002; DOMÍNGUEZ PORTELA, 2008)	Causal (ROST, 2002; MARÍN JORDÁ, 2003; DOSTIE, 2004; DOMINGUEZ; ÁLVAREZ, 2005; DOMÍNGUEZ PORTELA, 2008)
Interjetivo (ROST, 2002; WALTEREIT, 2002; DOMÍNGUEZ PORTELA, 2008)	Concessivo (TRAVAGLIA, 2002; ROST, 2002)
De prefaciação (SCHIFFRIN, 1987; RISSO, 1999, 2006; ROST, 2002, DOSTIE, 2004)	
De parentetização (JUBRAN, 2006)	

Quadro 1 – A multifuncionalidade de *olha* e *vê*.
 Fonte: Rost Snichelotto (2009, p. 229).

Examinando a gramaticalização de *olha* e *vê* em amostras de escrita e de fala catarinense, Rost Snichelotto e Gorski (2011, p. 424) afirmam que os usos como “marcadores discursivos (MDs) derivam de atos de fala manipulativos expressos por meio de formas verbais com usos rotinizados em P2”.

Na mudança categorial de verbos de percepção visual para marcadores discursivos, verifica-se um deslocamento semântico-pragmático motivado pela atuação da metáfora: transfere-se o foco de atenção do ambiente situacional para a informação a ser provida pelo falante direcionada para o ouvinte (ROST SNICHELOTTO, 2009), o que remete à expansão metafórica espaço físico > espaço discursivo (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991).

Nesse contexto, a metáfora é vista como um mecanismo que, além de pressupor uma transferência de significados mais básicos, concretos para significados mais abstratos ou de um domínio conceptual para outro (SWEETSER, 1990; HOPPER; TRAUGOTT, 2003 [1993]), é baseado no uso comunicativo e, por conseguinte, atua no nível pragmático. As expansões metafóricas não se dão ao acaso, geralmente são motivadas por relações

icônicas. A depender do estágio de gramaticalização de um dado item ou construção, essas relações se mantêm ou tornam-se menos transparentes. Na próxima seção, serão descritos os usos mais e menos gramaticalizados de *olhar* registrados na fala popular soteropolitana e a relação com o contexto morfossintático que motivou tais usos.

3 OLHA, OLHE E OH NA FALA POPULAR SOTEROPOLITANA: ANÁLISE DOS DADOS

Na fala popular de Salvador, os falantes atribuem ao verbo *olhar*, no contexto morfossintático de segunda pessoa do singular do imperativo, além de seu uso como verbo de percepção (8), diferentes valores, tais como: advertência (9), adversativo (10), atenuação (11), parentetização (12), prefaciador (13), exemplificativo (14), causal (15), concessivo (16), interjetivo (17), de opinião (18) e retificação (19). Tais usos, com exceção do primeiro, representam instanciações de gramaticalização de *olhar* em marcador discursivo.

(8) DOC: (Superp) Já achava que o rapaz tivesse morrido né?

24: Delegacia lá o cara mostrou os presos lá. Delegacia lá o cara mostrou os presos lá. “*Olha* os presos aqui são esses, ele, ele está aí no meio? Não. Eh, no instituto médico legal? Não está. [...]”. (PEPP, Inf. 24, p. 10)

(9) DOC: Humilhação né?

24: Aquilo é uma humilhação, eu olhei aquilo ali e disse *olhe*, vou cair fora desse negócio. E no meu tempo era um comandante muito rígido, qualquer coisa que ele. Estava até quando fui lá perguntei, ah, tá na reserva, não sei o que, o pessoal falou lá, o pessoal se lembra até dele, aí, eu caí fora por isso (PEPP, Inf. 24, p. 15)

(10) DOC: E você, você se lembra de algum fato interessante na época que você estava na escola?

17: [...] aí ele ficava de lá só me paquerando, e as meninas dizia que não, que ele não me queria, que ele só me queria por causa da merenda, *olha só, mas olha só*, mas ele me ensinava mate, ele me ensinava matemática que eu não sabia, naquele tempo tinha geometria, que eu não sabia, ele fazia os desenhos pra mim

legal, e lá eu assinava o meu nomão lá, e tirava meu oito, meu nove, meu dez...(PEPP, Inf. 17, p. 2)

(11) DOC: E você pensa assim educar ele como?

19: *Olhe*, justamente porque eu não quis muito filho pra eu querer dar a ele uma coisa que eu não tive, entendeu, porque minha mãe apesar de ter muitos filhos, apesar também dela ser, ter o problema dela, justamente por isso eu acho que ela não pôde dar uma criação melhor a gente [...] (PEPP, Inf. 19, p. 8)

(12) [...] naquele tempo minha mãe andava até o Barbalho nera pra pegar um bonde, acho que era bonde, não, pra descer o arco, *olha*, agora que me lembro, não tinha ônibus, descia o arco né? O arco antes era... (inint)? (PEPP, Inf. 41, p. 5)

(13) DOC: Hum ... Oh..., você compara essa educação que você teve com a que hoje se dá as crianças? O que é que você acha?

07: *Olhe*, eu sou meio careta, viu? Pra ser bem sincera eu acho que não deve ter tanto tabu como teve na minha época, porém eu acho também que não se deve largar o filho em demasia [...] (PEPP, Inf. 7, p. 4)

(14) DOC: Com as crianças?

06: Com as crianças. Eu não sei se... por causa da, da, da, da situação financeira que era meia apertada, eu sei que hoje eu acho que os adultos têm muito mais paciência que, *olha aí* um exemplo: ela arreia tudo pra ... pra ... pra até, pra ficar ... (PEPP, Inf. 6, p. 4)

(15) DOC: Você lembra?

09: [...] entrei também na área de esporte, lá tinha os jogos, os campeonatos né, de séries, aí a gente botava Bahia, Vitória, essa coisa, e eu era jogadora também né, a turma lá, entrei pra ajudar, dei uma péssima centro avante, porque preguiçosa, *oh*, gordinha assim, baixinha, preguiçosa, e, é você R..., é você, eu digo sou eu então vai, primeiro tempo já saia fora, e gol somente assim de sorte, quando batia na perna e entrava e todo mundo me carregava eu, fui eu que fiz eu nem vi... (PEPP, Inf. 23, p. 9)

- (16) DOC: O que que você acha que poderia mudar aqui pra melhorar?
23: O governo se interessar mais, verbas, mais verbas, mais incentivo [...]. Eu já briguei até com professores, nas escolas lá de Monte Serrat, eu digo gente isso aí não pode acontecer, e o pessoal, ah, mas foi o governo, eu digo, toda a criança na escola e começa a cortar, e cortou mesmo, tinha, existia, mas tirou as crianças do prezinho, de, só com sete anos em diante, e *olhe lá...* (PEPP, Inf. 23, p. 10)
- (17) DOC: Você falou que perdeu, e antes era assim boa aluna e dessa vez você perdeu. Muitas reclamações em casa?
12: Ah, muitas, só, *olhe*, mais até de minha mãe por incrível que pareça porque eu lembro que no dia meu pai não tinha ido trabalhar e aí deu o horário era umas catorze horas mais ou menos saía o resultado, e aí ele “vai pegar o resultado?” (...) eu, “não, perdi”, pra o meu pai foi o mundo sabe, ele se, ele estava, estava no quarto, ele sentou na cama, mas chorou feito um bebê [...](PEPP, Inf. 12, p. 5)
- (18) DOC: Eu falo agora porque o centro da cidade é ...
41: Ali agora ficou *olhe que* acho que ali de noite pra se andar, pra pegar é perigoso. (PEPP, Inf. 41, p. 10)
- (19) DOC: Eu não quero ver não.
47: Se mainha, *oh*, se minhas irmãs não fala pra eles tomar banho, se deixar lá mainha chega e eles estão lá tudo sujo, aí eu, aí eu pego, eu pego e mando eles tomar banho, e bato, pego o pau e vou, vou pra bater, [...] (PEPP, Inf.47, p. 9)

Em (8), *olha* tem apenas estatuto categorial de verbo e apresenta o sentido de percepção visual: nesse caso, o falante tem sua visão direcionada à cela com o intuito de encontrar ou reconhecer alguém. Em usos como em (8), tomando-se aqui emprestadas as palavras de Rost Snichelotto (2009, p. 45, 50), *olhar* apresenta um caráter “dêitico espacial” ou “dêitico locativo”. Embora, no exemplo, esse uso esteja na segunda pessoa do singular, não apresenta restrição de pessoa gramatical.

De (9) a (19), as formas *olha*, *olhe* e *oh* funcionam como marcadores discursivos expressando distintas funções semântico-pragmáticas. Em (9), o falante faz uma espécie de advertência/ aviso direcionado ao ouvinte, enfatizando a sua saída da aeronáutica. Em (10), evidencia-se um sentido adversativo para *mas olha só*: observa-se que o falante infere uma resposta

contrária à opinião de suas amigas a respeito de um determinado colega. Em (11), nota-se o valor de atenuação para *olhe*: o falante comenta a respeito da criação do filho, comparando com a educação recebida pela mãe e, na sequência, tenta amenizar possíveis reações negativas do ouvinte a respeito da mesma. Em (12), fica claro o valor de parentetização já que o falante deixa de dar desenvolvimento ao que estava sendo dito devido a uma lembrança que tem. Em (13), *olhe* funciona como um elemento prefaciador: o falante retarda a resposta esperada pelo entrevistador, emitindo uma opinião sobre si própria e só depois a resposta solicitada. Em (14), o falante emite uma resposta a respeito da paciência tida hoje com as crianças e introduz, com o marcador discursivo, uma sequência que visa reforçar, com exemplos, o que foi dito anteriormente; daí o sentido exemplificativo de *olha aí*. Em (15), a informante fala sobre sua vida escolar, principalmente sobre os esportes praticados por ela e utiliza o marcador discursivo como forma de justificar o motivo de sua atuação negativa nos esportes. Em (16), o falante discorre sobre a educação e o papel do governo, expondo o critério de idade estabelecida para que as crianças estejam na escola e com o marcador discursivo encerra o trecho, indicando um limite de concessão. Em (17), *olhe* tem valor interjetivo: o informante fala da surpresa a respeito da reação da mãe ao saber que ela havia perdido de ano. Em (18), o falante menciona a sua opinião a respeito de andar e pegar transporte à noite. Em (19), o falante faz uma retificação em relação ao fato de suas irmãs (e não sua mãe) advertirem seus irmãos sobre a necessidade de tomarem banho.

Dos usos gramaticalizados de *olhar* como marcadores discursivos registrados na fala soteropolitana, aqueles ilustrados de (9) a (18) são também mencionados por Rost Snichelotto (2009) para os dados de Santa Catarina (nas cidades de Florianópolis, Chapecó, Blumenau e Lages) e Curitiba. Uma diferença encontrada é o uso como marcador discursivo com a função de retificar uma informação fornecida (19). Nos dados analisados de fala soteropolitana, esse uso ocorre apenas com a forma *oh*.

Outro uso documentado na amostra evidencia uma mudança categorial de verbo para clítico (20). Nesse exemplo, o falante discorre sobre a atitude de um determinado professor e, ao se referir a um colégio, utiliza o item *aí* juntamente com o *oh*: nesse caso, **oh** funciona como um clítico atrelado ao *aí*.

(20) DOC: E, em relação a essa questão da escola, eh, o respeito você acha que mudou de lá pra cá?

15: [...] Nada, parecendo um palhaço ali no meio, aqui nesse colégio Otávio Mangabeira, aí *oh*, eu acho que sei lá, muita, muita liberdade. (PEPP, Inf.15, p. 5)

É interessante ressaltar alguns aspectos relevantes para a identificação de alguns dos empregos de *olhar* encontrados na amostra examinada, como, por exemplo, a ocorrência concomitante do marcador discursivo com outros elementos linguísticos que reforçam o contexto de atuação discursiva em evidência. A título de ilustração, ao ser empregado com valor de advertência, o marcador discursivo tende a vir depois do verbo *dicendi* ou declarativo, tais como *dizer, falar, contar* etc. Em (9), há o uso do verbo *dizer* antes de *olhe*. Já no contexto de opinião, o marcador tende a estar atrelado à construção *(eu) acho que*, expressão gramaticalizada também utilizada como modalizador de opinião (CARVALHO; SILVA, 2013). Por exemplo, em (18), depois de *olhe que*, ocorre essa construção. Quanto ao uso como clítico, a forma reduzida *oh*, geralmente, se liga a advérbios como *aqui, aí* e *assim*. Em (20), como já foi mencionado, *oh* encontra-se atrelado ao advérbio *aí*.

No *corpus*, foi registrado um total de 183 ocorrências de formas investigadas (*olhe, olha* e *oh*), distribuídas pelos usos mencionados anteriormente, conforme demonstra a tabela 1, a seguir.

Tabela 1: Distribuição, na amostra, dos usos e das formas de *olhar* no contexto de segunda pessoa do singular.

Usos	<i>Olhe</i>		<i>Olha</i>		<i>Oh</i>		Total
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº
Perceptivo	2	40	2	40	1	20	5
Advertência	45	40,2	18	16	49	43,8	112
Prefaciador	11	55	5	25	4	20	20
Atenuador	2	100	0	0	0	0	2
Opinião	6	46,2	4	30,8	3	23	13
Exemplificativo	5	50	3	30	2	20	10
Adversativo	2	40	2	40	1	20	5
Interjetivo	1	33,3	1	33,3	1	33,3	3
Parentético	0	0	1	33,3	2	66,7	3
Causal	0	0	0	0	1	100	1
Retificador	0	0	0	0	4	100	4
Clítico	0	0	0	0	5	100	5
Total	74	40,4	36	19,7	73	39,9	183

Observa-se, com base nos dados da tabela 1, que o uso que ocorre, com mais frequência, na amostra é o que possui valor de advertência, perfazendo o total de 112 ocorrências (61,2%). Esse uso se distribui, em uma frequência descendente, entre as formas *oh* (43,8%), *olhe* (40,2%) e *olha* (16%). Além disso, é interessante ressaltar que o uso como clítico, o mais gramaticalizado, ocorre apenas com a forma reduzida *oh*, como já foi dito, apresentando o total de 5 ocorrências. Esse é o mesmo total registrado para o uso menos gramaticalizado, com valor perceptivo.

Os dados da tabela 1 ainda permitem evidenciar que, no *corpus*, ocorrem mais as formas *olhe* (40,4%) e *oh* (39,9%) do que *olha* (19,7%). Esses resultados confirmam, em relação às formas não reduzidas, que os falantes soteropolitanos tendem a empregar mais a forma do subjuntivo (*olhe*) do que a do indicativo (*olha*), conforme já demonstrado por Scherre et al. (2007), entre outros estudos sobre o uso variável de formas verbais do imperativo no português brasileiro.

Na amostra examinada, no que concerne à configuração estrutural, os diferentes empregos de *olhar* se instanciam em formas simples (*olha*, *olhe* e *oh*) ou construções, que têm como base essas formas:

- (a) *olha*: *olha aí*, *olha só*, *mas olha só*, *olha que*;
- (b) *olhe*: *olhe aí*, *olhe aí oh*, *olhe que*;
- (c) *oh*: *aqui oh*, *aí oh*, *assim oh*, *aqui assim oh*.

No que diz respeito aos usos gramaticalizados de *olhar* registrados na fala popular de Salvador, podem-se tecer algumas considerações. A ocorrência, no *corpus*, do verbo como perceptivo serve como evidência do princípio de divergência (HOPPER, 1991), que estabelece que, mesmo com a emergência da forma ou construção gramaticalizada, a forma ou construção fonte permanece na língua.

Os diferentes usos como marcadores discursivos (adversativo, atenuador, exemplificativo, interjetivo, parentético, prefaciador, concessivo, causal, com valor de advertência) tendem a ser voltados para o interlocutor. Isso acontece até mesmo no uso como retificador já que a retificação é feita para que o ouvinte não receba a informação errada. Assim, é evidente o papel do contexto morfossintático de segunda pessoa do singular, associado ao imperativo, na gramaticalização de *olhar* como marcador discursivo atuando na função interpessoal (HALLIDAY; HASAN, 1976) ou no que Rost Ssnichelotto (2009) denomina de domínio de chamada de atenção do ouvinte. Como

explicado por Carvalho (2017, p. 95), “esse contexto é mobilizado porque é aquele voltado para o interlocutor no processo interacional”. Nota-se, então, uma relação icônica (motivação entre forma e função) nesse processo.

No entanto, em estágios mais avançados de gramaticalização, pode-se perder essa motivação. É justamente o que se observa na mudança categorial do verbo *olhar* para clítico: nesse uso, há uma maior abstratização de sentidos e atuação da erosão fonética (com a redução da forma a uma sílaba).

CONCLUSÃO

Neste trabalho, a partir de pressupostos teóricos do funcionalismo linguístico e, mais especificamente, da abordagem da gramaticalização, foi possível mapear, na fala popular soteropolitana, usos que ilustram mudanças semântico-pragmática e categorial do verbo *olhar* no contexto morfossintático de segunda pessoa do singular, associado ao modo imperativo. Constatou-se, então, que, nesse contexto, *olhar* apresenta diferentes sentidos/funções, que vão desde o emprego na sua forma fonte (verbo pleno, com valor perceptivo/dêítico espacial) até usos gramaticalizados como marcador discursivo (com diversas funções semântico-pragmáticas) e clítico.

Mais especificamente, no *corpus* examinado, além de ‘olhar algo’, outros sentidos foram encontrados, tais como: adversativo, atenuador, exemplificativo, advertência, interjetivo, parentético, prefaciador, concessivo, retificador, causal, opinião e clítico. Todos esses valores, com exceção do último, estão relacionados ao emprego como marcador discursivo. Nos termos de Rost Snichelotto (2009) e Rost Snichelotto e Gorski (2011), os diferentes usos como marcadores discursivos são expansões que resultam de atos de fala imperativa com usos intimamente ligados ao contexto de segunda pessoa do singular, forma voltada para o interlocutor/ouvinte, com o intuito de chamar atenção para o que está sendo dito. Nos usos soteropolitanos de marcadores discursivos, ficou bem evidente a relação icônica entre o propósito comunicativo e o contexto morfossintático.

Verificou-se ainda que, dentre os usos registrados, o clítico corresponde ao mais gramaticalizado; além disso, esse uso acontece somente com a forma reduzida *oh*, o que constitui uma evidência, mediante uma maior abstratização de sentido e erosão fonética, do grau mais avançado desse processo de mudança.

Ressalte-se, por fim, que, neste trabalho, seguindo a esteira de Braga e Paiva (2003), assume-se que, do mesmo modo que aconteceu com a emergência do clítico *aí*¹², *oh* como clítico parece ter se desenvolvido diretamente da forma fonte (nesse caso, do uso como verbo de percepção visual) e não dos usos gramaticalizados como marcadores discursivos. Assim, em relação a mudanças semântico-pragmática e categorial do verbo *olhar* no contexto morfossintático de segunda pessoa do singular do imperativo, teria ocorrido um caso de *poligramaticalização*¹³, com as seguintes trajetórias de mudança: (a) verbo perceptivo > marcador discursivo; (b) verbo perceptivo > clítico. Espera-se que, em trabalhos futuros baseados em amostra tanto sincrônica como diacrônica, possa-se ampliar essa discussão.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Fabrício da Silva. A interface sociolinguística/ gramaticalização: o caso dos conectores causais. In: LOPES, Norma Silva; BULHÕES, Lúcia Pellon de Lima; CARVALHO, Cristina dos Santos (orgs). *Sociolinguística: estudos da variação, da mudança e da sócio-história do português brasileiro sociolinguística paramétrica sociofuncionalismo*. Feira de Santana: UEFS, 2013. p. 99-116.

BOLINGER, Dwight. *Meaning and form*. London: Longman, 1977.

BRAGA, Maria Luíza; PAIVA, Maria da Conceição de. Do advérbio ao clítico é isso aí. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (orgs.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2003. p. 206-212.

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, Brian D. and Janda, Richard D. (eds.) *The Handbook of Historical Linguistic*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623.

BYBEE, Joan et al. *The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1994.

CAMPBELL, Lyle. What's wrong with grammaticalization?. *Language Sciences*, Amsterdam, v. 23, p. 113-161, 2001.

CAMPBELL, Lyle; JANDA, Richard. Introduction: conceptions of grammaticalization and their problems. *Language Sciences*, Amsterdam, v. 23, p. 93-112, 2001.

CARVALHO, Cristina dos Santos. Gramaticalização de verbos e contextos morfossintáticos. *Estudos Linguísticos*. São Paulo, v. 40, n. 1, jan-abr, p. 82-91, 2011.

Disponível em:

¹² Braga e Paiva (2003, p. 211) defendem a proposta de que “os usos clíticos de *aí* provêm diretamente do advérbio *aí*”. As autoras argumentam que evidências a favor dessa hipótese são fornecidas pela ocorrência de *aí* em contextos ambíguos, em que o *aí* pode ser interpretado como advérbio e clítico.

¹³ Sobre poligramaticalização, ver Craig (1991 apud Braga e Paiva, 2003).

<<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/40/Vol.40-n.1-Integra.pdf>>
Acesso em: 20/08/2011.

CARVALHO, Cristina dos Santos; SILVA, Eliêda de Matos. Usos do verbo ACHAR na fala popular de Salvador: gramaticalização e contexto morfossintático. In: LOPES, Norma da Silva; BULHÕES, Lígia Pelon de Lima; CARVALHO, Cristina dos Santos (orgs.). *Sociolinguística: estudos da variação, da mudança e da sócio-história do português brasileiro, sociolinguística paramétrica, sociofuncionalismo*. Feira de Santana: EDUEFS, 2013. p. 37-62.

CARVALHO, Cristina dos Santos. Gramaticalização e contexto morfossintático: O que *acham, olham e dizem* os falantes soteropolitanos? In: LOPES, Norma da Silva; OLIVEIRA, Josane Moreira de; PARCERO Lúcia Maria de Jesus (orgs.). *Estudos sobre o português do Nordeste: língua, lugar e sociedade*. São Paulo: Blucher, 2017. p. 83-106.

CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; LIMA-HERNANDES, Maria Célia. As rotas de gramaticalização de *diz que e tipo* no português do Brasil. In: MENDES, Ronald Beline. *Passando a palavra: uma homenagem a Maria Luiza Braga*. São Paulo: Paulistana, 2007. p. 105-122.

FRAGOSO, Luane da Costa Pinto Lins. A Gramática Funcional e o Processo de Gramaticalização. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*. Rio de Janeiro, v.2, n. 6, jul-set, 2003. Disponível em:
www.publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/download/.../414> Acesso em: 01/06/2014.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 157-176.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 29-55.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1995.

_____. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions: a constructional grammar approach to argument structure*. London: The University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, Sebastião Carlos L.; CARVALHO, Cristina dos Santos. Critérios de gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos L.; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (orgs.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p. 79-85.

GORSKI, Edair Maria et al. Gramaticalização/discursivização de itens de base verbal: funções e formas concorrentes. *Estudos Linguísticos*. São Paulo, v. 31, 2002. Disponível em: [<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/31/htm/comunica/GT9.htm>]. Acesso em: 13/04/2013.

-
- HALLIDAY, Michael A. K.; HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. Londres: Longman, 1976. p. 256-261.
- HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike.; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991. 318 p.
- HOPPER, Paul. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth C.; HEINE, Bernd (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 17-35.
- HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth C. *Grammaticalization*. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1993]. 276 p.
- LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia. “Vai que eu engravidado de novo?”: gramaticalização, condicionalidade e subjetivização. *Lusorama*. Frankfurt am Main, v. 81-82, p. 135-150, 2010
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. Unidirecionalidade na gramaticalização. In: VITRAL, Lorenzo; COELHO, Sueli (orgs.). *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 139-171.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011. p. 91- 117. (Leituras Introdutórias em Linguagem).
- MARTELOTTA, Mário Eduardo; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 17-28.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- PAIVA, Maria da Conceição de. *Ordenação de cláusulas causais: forma e função*. 1991. 232 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- PENHAVEL, Eduardo. Sobre as funções dos marcadores discursivos. *Estudos Linguísticos*. São Paulo, v. 34, p. 1296-1301, 2005. Disponível em: [http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/sobre-as-funcoes-dos-mercadores-940.pdf]. Acesso em: 09/11/2017.
- PENHAVEL, Eduardo. Algumas reflexões sobre a questão da gramaticalização de marcadores discursivos. *Revista do Curso de Letras da UNIABEU*. Nilópolis, v.4, n. 2, Especial, 2013. Disponível em: [http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RE/article/view/726/pdf_376]. Acesso em: 08/11/2017.
- RISSO, Mercedes Sanfelice. Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura Bom, Bem, Olha, Ah, no português culto falado. In: NEVES, Maria Helena de M. (org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999. v. 7.

ROST SNICHELOTTO, Claudia Andrea. “Olha” e “vê”: caminhos que se entrecruzam. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select]. Acesso em: 09/11/2017.

ROST SNICHELOTTO, Claudia Andrea; GORSKI, Edair Maria. (Inter) subjetivização de marcadores discursivos de base verbal: instâncias de gramaticalização. *Alfa*. São Paulo, v. 55, n. 2, p. 423-455, 2011. Disponível em: [http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/4735/4040]. Acesso em: 09/11/2017.

ROSÁRIO, Ivo da Costa. Gramaticalização – uma visão teórico-epistemológica. *Palimpsesto*. Rio de Janeiro, n. 11, p. 1-18, 2010. Disponível em: [http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num11/.../palimpsesto11_dossie02.pdf]. Acesso em: 10/11/2017.

SCHERRE, Maria Marta Pereira et al. Reflexões sobre o imperativo em português. *D.E.L.T.A.* São Paulo, v. 23, n. esp., p. 193-241, 2007.

SWEETSER, Eve. *From etymology to pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 23-48.

TRAUGOTT, Elizabeth C. Grammaticalization and construction grammar. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira (org.). *História do português paulista*. Campinas: UNICAMP/IEL, 2009. p. 91-101.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 15 de novembro de 2017.

Aprovado em sistema duplo cego em: 17 de dezembro de 2017.